

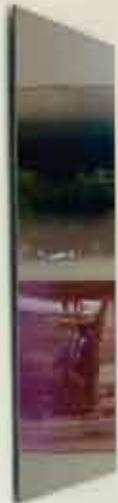


Sobre a pintura de Adriano de Aquino

a

Inicie-se pela capa, pela imagem captada para servir de revestimento ao corpo destas páginas, por sua aparência ou exterioridade, cuja indistinção adverte – verbo provocativamente polissêmico – para as aporias que se inferem do ríspido hiato misteriosamente cerzido entre poder dizer coisas banais e não poder dizer o essencial. Atentar, notar, acautelar, prevenir, reparar, chamar a atenção e, sobretudo, fazer observar são, no contexto do que se busca abordar aqui, ações eventualmente geradas por essa indistinção entre quem ou o que observa e quem ou o que é observado no instante fixado pela fotografia.

Há, por certo, diversas maneiras de expor o que não se vê à primeira vista, o que de algum modo prepararia o terreno para a sustentação de um discurso crítico, necessariamente embasado, quer me parecer, na indecisão sobre o lugar em que se está. O vulto à esquerda, sua posição relativa à obra que, no espaço da galeria, estava à sua frente e àquela que, atrás dele, parece ser sua própria cabeça; a cortina central de luz, mas também, à direita, a forma-cortina criada pela sombra a praticamente descerrar ao







olhar as duas obras vistas na imagem, uma verde e a outra azul, o toldo rebatido na primeira e a faixa vertical da segunda, duplicando o corredor pelo qual se manifesta o que está além do espaço expositivo; a expectativa sub-reptícia de que todos esses elementos logo se porão em movimento; e mesmo a fantasmagoria às avessas das narinas e da boca retorcidas, posto que na parte mais clara da imagem, sugerindo um rosto alvo impresso pela força do conjunto visual, são achados que contribuem para aquilatar a operação pictórica representada pelo instantâneo examinado. Estes, no entanto, não impedem que sua própria descrição se arrefeça diante do limiar ou fronteira (questão de escala e, por vezes, presunção) entre o mundo visível e o mundo invisível. Funcionam de lastro, mas se deixam levar ao longo do caminho.

bê

Iniciar desse modo pela forma-livro reduplica a separação (nem sempre a mesma) entre ver e refletir. Como se pode, a um único tempo, examinar este miolo e rever a capa, atravessada para que se chegasse onde o texto principiou? Obviamente, não é necessário retornar à fotografia aludida para concordar ou discordar com o que se disse sobre ela. A própria imagem mental, derivada de seu exame inicial, basta como medida. Não há, portanto, por que exigir do observador a atenção ao tornar-se objeto da leitura. Mas quando isso se dá, ou seja, quando ele se dá conta de que era observado, é tarde para saltar e muito cedo para deixar-se levar. Mantida a atenção, o entorno se recompõe temporalmente sob o sopro ou fluxo que tanto separa quanto reúne o que se vê da realidade e o real que não se vê.

[CONTINUA...]